

Do jeito que o mercado gosta

Ao analisarmos o debate público brasileiro, somos levados a crer que socialismo e liberalismo são "ideologias" totalmente opostas, incapazes de conciliação. O liberalismo, supostamente, defende a liberdade e a prosperidade, enquanto o socialismo prega a igualdade de direitos e a distribuição de renda.

No Brasil, parece que essas são as únicas duas perspectivas políticas possíveis: ou você apoia o mercado e a produção, sendo automaticamente rotulado como insensível aos pobres, ou é um "justiceiro social" que privilegia o conforto dos menos favorecidos em detrimento da prosperidade geral. Nesse contexto, preferências, valores éticos e morais acabam forçosamente encaixados em uma dessas visões. No fim, toda discussão política se reduz a um debate econômico simplista: ou você "mata os pobres de fome em nome da prosperidade" ou "estimula a improdutividade com programas assistenciais."

Essa dicotomia só faz sentido quando se adota uma visão excessivamente racionalista, que tenta matematizar a realidade e reduzir a vida a equações rígidas e inflexíveis. Na prática, essa oposição entre liberalismo e socialismo é ilusória. O chamado Estado Democrático de Direito – um produto do liberalismo e do consenso de Washington – tem, paradoxalmente, burocratizado a vida e restringindo liberdades individuais de forma inédita.

Se liberalismo e socialismo fossem de fato inconciliáveis, como explicar a crescente perda de liberdades nos países mais liberais? Ou o surgimento do movimento woke, onde "justiceiros sociais" defendem causas de minorias sob o patrocínio de grandes corporações e magnatas do capitalismo? Para desfazer esse nó, é necessário abandonar dois pressupostos: primeiro, a ideia de que liberalismo e socialismo são opostos absolutos; segundo, que o liberalismo é sinônimo de liberdade e o socialismo de defesa dos oprimidos.

O liberalismo, na prática, consiste na defesa da soberania do mercado sobre a política. O socialismo, por sua vez, busca monopolizar o poder político e econômico em um único grupo ou partido. Apesar de aparentarem divergentes, ambos se unem no objetivo de destruir poderes sociais orgânicos que possam ameaçar o aparelhamento do Estado (no caso dos socialistas) ou a neutralização da política (no caso dos liberais).

- O debate público nacional está preso na falsa dicotomia entre Estado liberal e Estado de assistência social.
- Socialismo e liberalismo não são tão antagônicos, tanto é que vemos banqueiros apoiando socialistas.
- Os objetivos de longo prazo de meta capitalistas e socialistas são conciliáveis.



Essa aliança explica por que grandes banqueiros apoiam campanhas de figuras associadas ao socialismo, como Lula, ou por que partidos democratas nos EUA recebem generosas contribuições de Wall Street. Não é coincidência que líderes como Gleisi Hoffmann elogiem gigantes como a BlackRock. Banqueiros, como Armínio Fraga, Pésio Árida, André Lara Resende e Henrique Meirelles, têm um interesse estratégico ao apoiar Lula: alinham-se ao objetivo de longo prazo de controlar o jogo político e econômico.

Enquanto os socialistas buscam eliminar a oposição política, os grandes capitalistas visam impedir o surgimento de forças produtivas autônomas que não dependam de crédito ou financiamento dos bancos. Para ambos, o cenário ideal é um Estado endividado, com forças produtivas destruídas e inteiramente dependente do mercado financeiro para avançar. Nesse contexto, o socialismo e o liberalismo convergem: ambos trabalham para consolidar um sistema que elimina a autonomia produtiva e política do cidadão comum.

E aí? Será que o Brasil já está como o mercado gosta?

